

ENSINO DE FILOSOFIA: OS DESAFIOS ÉTICOS DA SUSTENTABILIDADE

L. R. A Santos¹, A.P.F Paulista²,⁴ N.K.R Costa³ e P.L.C Neto

E-mail: santos.luiz@ifrn.edu.br¹; adriana_figueiredo_15@hotmail.com²; nathaliia_rodrigues@hotmail.com³; plc32@yahoo.com.br⁴

RESUMO

O labor apresentado aqui pretende discutir o intercuro dos conceitos de sustentabilidade e de ética, nesse contexto se insinua que tais teorizações são correlatas. Nesse sentido, o trabalho fez uma pesquisa teórico-conceitual sobre estes dois temas e a apreciação de documentos originais que tratam da preocupação governamental em difundir práticas sustentáveis. Em seguida, realizou-se uma atividade empírica com 40 alunos dos cursos Integrados do IFRN Campus Macau, que responderam a um questionário sobre a percepção do que é sustentabilidade, bem como de práticas que prezem pela observância dos princípios éticos para a mesma. O IFRN tem gerado um quadro de qualificação, de natureza profissional e humanística, que certamente

está contribuindo para o crescimento socioeconômico da microrregião salinera. Nesse contexto, conteúdos e discussões inerentes ao campo da Filosofia, em sobremaneira as éticas, têm sido essenciais à concretização dos valores agenciados pela Educação que contribuam para o desenvolvimento de ações sustentáveis. Tais valores se referem principalmente ao desenvolvimento de um sentimento de pertença ao meio social e ambiental no qual os indivíduos estão inseridos. Ademais, foi feito um levantamento bibliográfico para consubstanciar teoricamente todas as intuições primeiras, à luz de Aristóteles (1997), Boff (2012), Bursztyn, (2001), Capra (1983), Friedman (2010), Sen (2010) e Wolf (2013).

PALAVRAS-CHAVE: Sustentabilidade, ética, desenvolvimento, ensino de filosofia.

PHILOSOPHY TEACHING: ETHICS CHALLENGE OS SUSTAINABILITY

ABSTRACT

This work intends to discuss the relation of the concepts of sustainability and ethics, in this context it implies that such theories are related. In that sense, the work made a theoretical-conceptual research about these two themes and the appreciation of original documents that treat of the government concern in diffusing maintainable practices. Then, there was an empirical activity with 40 students of the integrated courses of Campus IFRN Macau, who answered a questionnaire about the perception of what is sustainability, as well as practices that respect observance of ethical principles for the same. The IFRN has generated a framework of qualifications, professional and humanistic in nature, which is certainly contributing

to the socioeconomic growth of salt reserve micro-region. In that context, contents and inherent discussions to the field of the Philosophy, in excessively the ethics, they have been essential to the materialization of the values negotiated by the Education that contribute to the development of maintainable actions. These values relate primarily to the development of a sense of belonging to the social and environmental context in which individuals are inserted. Furthermore, we made a literature review to substantiate theoretical intuitions all the former, in the Aristotle's light (1997), Boff (2012), Bursztyn, (2001), Capra (1983), Friedman (2010), Sen (2010) and Wolf (2013).

KEYWORDS: Sustainability, ethics, development, philosophy teaching.

1 REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

O cientista holandês Paul Crutzen foi o responsável pela introdução do termo antropoceno na literatura científica. Entretanto, tal terminologia foi enriquecida pelo professor de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Columbia Jeffrey Sachs, ao denotar que o Antropoceno é a “era em que a Terra está dominada pelo ser humano porque o volume das atividades humanas é agora tão grande que desbaratou todos os sistemas fundamentais para a sustentabilidade da vida” (citado por VILCHES, PRAIA e GIL-PÉREZ, 2008, p.2). Esse acaba por ser o ponto de inflexão do século XXI. Será que os seres humanos continuarão no mesmo caminho que vem sendo traçado há diversas gerações? O professor Martin Wolf (2013) acredita que sim, a humanidade vai manter o mesmo passo, já que não são demonstradas ações consistentes em prol de mudanças relevantes para o verdadeiro desenvolvimento sustentável.

É notório que a consolidação da consolidação da Revolução Industrial, no século XVIII, trouxe consigo muitas mudanças sócio-culturais. Dentre as mais notáveis podem-se destacar as mudanças na paisagem urbana e a do comportamento humano. É notório que as atividades do *homo sapiens* sempre causaram alguma forma de impacto no mundo. Entretanto, com a efetivação da industrialização, vê-se que no lugar dos biomas encontram-se prédios e indústrias, que via de regra não foram inseridas em tais ambientes da maneira mais adequada. Ademais disso, uma imensidão de itens buscam satisfazer o consumismo humano. Porém, com todas as inovações tecnológicas surgem grandes dúvidas: Vale à pena correr o risco de perder grande parte da nossa fauna e flora em troca de um suposto conforto que os aparatos tecnológicos nos trazem? Quanto vale a natureza? Será que é possível buscar o crescimento com base em uma ciência sustentável?

Antes de qualquer coisa é necessário compreender os fatores históricos que nos levaram a buscar soluções para os graves problemas ambientais que nossa época de excessos nos trouxe (FRIEDMAN, 2010). Somente ao obter uma visão clara, e distinta, sobre o caminho que fez do *homo sapiens* também o *homo demens* será possível traçar um mapa diagnóstico efetivo da atual situação de alienação na qual se insere o homem moderno, a qual incorre inexoravelmente na crise ambiental (NINIS; BILIBIO, 2012). Talvez, assim seja possível encontrar soluções viáveis para que se possa projetar um caminho real para a sustentabilidade.

Destarte, consegue-se notar que em meio a uma contextualização histórica do avanço científico, do desenvolvimento tecnológico, até chegar ao atual estado, o qual pode-se denominou-se antropoceno, percebe-se a falta de um componente importantíssimo no ser humano: pensar e agir de forma sustentável. Somos os únicos animais que pensam sobre o que fazem. Ainda assim estamos desestabilizando o ecossistema, retirando recursos naturais de maneira descontrolada e passando por cima de todos os valores éticos para conseguir valores em dinheiro. Segundo os estudos que serão apresentados, percebe-se que o agir ético é a chave para se alcançar o desenvolvimento sustentável. Sem ele o que nos resta é pobreza, a desigualdade, a falta de escolaridade e todos os demais fatores que impedem o desenvolvimento de forma igualitária (SEN, 2010).

Tendo em vista as reflexões feitas se faz mister informar que o trabalho aqui exposto objetiva de forma mais geral discutir o intercuro dos conceitos de sustentabilidade e de ética. Assim sendo, como objetivos específicos pretende:

1. Contextualizar a relação teórica entre os conceitos de sustentabilidade e ética;
2. Fazer uma análise das práticas dos alunos do Integrado de Química no que tange à sustentabilidade;
3. Estabelecer uma visão crítica sobre as práticas denominadas como sustentáveis.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 O desafio do século: conscientizar versus condicionamento histórico

O conceito de ciência origina-se no século XVI através do político e filósofo Francis Bacon, que dividia o conhecimento em duas categorias: divino e científico. O divino seria todo aquele conhecimento que fosse da natureza de Deus. Já o conhecimento científico baseava-se no empirismo um método investigativo baseado na observação, descrição, classificação, comparação, eliminação e, só então, dedução das possíveis causas de um fenômeno (BBC, 2009, p. 72). O fato de o conceito ter sido concretizado no século XVI não exclui que existiu ciência antes do século XVI, tendo em vista que desde a pré-história os primeiros humanos já usavam da técnica para construir as melhores ferramentas para uso no dia-a-dia. Com esse conceito surge também a visão da ciência e natureza como algo heterogêneo. E a grande inquietação é: como o homem – que faz a ciência – é separado da sua própria casa – natureza? JAMIESON (2010) diz que poderemos voltar a ter uma relação saudável com a natureza somente depois de percebermos que essa tentativa de separação é insana e destrutiva. De fato, o homem só buscou juntar ciência e natureza quando percebeu que as matérias-primas estavam se esgotando, e que se ele não cuidasse da sua casa não teria a maior chance de ganhar uma guerra irracional com o planeta Terra (BOFF, 2012).

Já no século XIX as perspectivas a respeito da ciência era de algo inovador, que traria conforto e bem-estar à humanidade. No século XX, a ótica com a qual se abordava o desenvolvimento científico se transformou ao mesmo passo que se deu o interesse por tal desenvolvimento. Assim sendo, a ciência antes vista nas raias da perfeição, começa mostrar defeitos, ou, melhor dizendo, seus efeitos (BURSZTYN, 2001). O antigo modelo de desenvolvimento, baseado no crescimento econômico e na industrialização, deixou vários desafios para o nascente século XXI. Principalmente ao se perceber que aquele primeiro não é uma via de mão única para o desenvolvimento humano, sobretudo se tal crescimento não leva em consideração a redução dos impactos ambientais, por meio da participação ativa dos indivíduos.

Na atualidade já não se pode negar que o desenvolvimento científico e tecnológico precisa de um certo controle. Contudo, dado controle não objetiva levar a sociedade a um retrocesso, como se almejasse voltar atrás no tempo, para que a relação do ser humano com a natureza se recompusesse. O controle do qual se fala é o que pode-se denominar desenvolvimento

sustentável. Um novo estilo de vida que tem por mote buscar a sustentabilidade humana sendo minimamente solidário com a biosfera. A discussão é tão ampla que o intervalo de tempo entre os anos 2005-2014 foi adotado pelas Nações Unidas como a década da Educação para esse desenvolvimento. Esta tem por finalidade associar valores intrínsecos ao desenvolvimento sustentável com a intenção de provocar mudanças de comportamentos que permitam criar uma sociedade sustentável e justa (UNESCO, 2005, p. 17).

O problema aparece quando se percebe a dificuldade de por em prática as reflexões supracitadas. Primeiramente deve-se tirar da cabeça a compreensão de que a ciência é a grande vilã. Na realidade os grandes vilões são a ganância e o consumismo desnecessário do ser humano. Se as novas tecnologias estão sendo produzidas é por que existe demanda. Junto a isso se deve tomar consciência de que o desgaste ambiental é algo real e próximo, e é dever de cada um contribuir para que os impactos sejam, pelo menos, minimizados. É então que surge a pergunta: Como aplicar esses novos conceitos em uma sociedade tão consumista, onde os 20% mais ricos consomem 82,4% das riquezas da Terra, enquanto que os 20% mais pobres têm que se contentar com 1,6% apenas? (BOFF, 2012, p.18).

A grande questão é: Como conscientizar pessoas que não possuem sequer condições básicas de sobrevivência? Pelo visto Sen (2010) tinha razão ao dizer que a sustentabilidade está intimamente ligada à economia e à educação do povo. Contudo, uma considerável parte da população está empenhada em conseguir o que comer, em criar os filhos, em ter minimamente seus direitos de cidadão concebidos. Ao se lembrar que o Brasil é a sexta maior economia mundial, a realidade aparentemente fica um pouco mais nociva. Os dados divulgados pelo IBGE em 2010 trazem o Brasil em 73º no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). É válido lembrar que os critérios usados pela ONU são grau de escolaridade, nível de saúde e renda. E por falar em escolaridade, ainda segundo o IBGE, dos 190 milhões de habitantes brasileiros, 14 milhões são analfabetos. De fato é difícil entender o que é sustentabilidade quando nem ao menos se sabe ler essa palavra (BRASIL, 2010).

Acontece que se confunde de maneira recorrente crescimento com desenvolvimento. Para Junior e Bursztyń (2001), crescimento é a expansão quantitativa da economia, e desenvolvimento é uma alteração qualitativa positiva, abrangendo distribuição de renda e avanços sociais. Para transformar crescimento em desenvolvimento é necessária a promoção de atividades estratégicas para intervir no sistema econômico, ou, inibir outras atividades que sejam provocadoras de vulnerabilidades. Diante desses conceitos é compreensível o porquê do Brasil ser a sexta economia mundial e está em 73º no IDH.

De acordo com Braga (2009), o crescimento econômico sustentável poderia ser alcançado se houvesse uma substituição das incessantes atividades industriais que necessitam tão intensamente dos recursos naturais, por tecnologias que utilizem menos desses recursos. Nesse contexto o desenvolvimento continuaria explorando uma dimensão menos material e mais informacional, na utilização de tecnologias capazes de fornecer energias menos poluentes e mais eficazes e econômicas.

2.2 Ações sustentáveis como um desdobramento da ética

O termo desenvolvimento sustentável soa como um paradoxo, tendo em vista que desenvolvimento está ligado à ideia de progresso, um termo estritamente antropocêntrico. Enquanto que sustentável é um termo intrínseco aos movimentos ambientalistas, um conceito de raiz ecocêntrica. Como unir esses dois termos sem que haja uma aparente contradição? Primeiramente o paradoxo do desenvolvimento teria que ser mudado radicalmente para se encaixar ao termo sustentável, o homem teria que mudar sua forma de pensar e se preocupar com a natureza, vendo-a não somente como um recurso natural para alimentar seu consumismo, mas, principalmente, como seu habitat – e de tantas outras espécies – que precisa ser preservado.

Logo, diante do que vem sendo discutido, é justificada a aliança entre dois pontos aparentemente distintos, o qual defenderia uma ética antropocêntrica, com viés nitidamente ecocêntrico. Como já dizia o filósofo Aristóteles, no século IV a.C., em sua obra intitulada *Política*: “o homem é um animal social por natureza” (1997, p.15). O homem é o único animal que tem caráter, que sabe refletir diante da moral, em outras palavras, o homem é por natureza, o único animal ético (ARISTÓTELES, 1999). Através dessa reflexão, entendemos por ética antropocêntrica aquela onde o homem se sente como o pedestal da espécie, por ser a única espécie capaz da reflexão. Este – o homem – acreditaria que todos os meios naturais são para o seu bem, para o seu consumo, e a natureza é apenas um meio de atingir esses fins. De acordo com Santos (1994), a ética ecocêntrica, que deriva do grego oikos = casa, significa um novo ponto de vista, onde o homem é centrado em sua casa, refletindo no planeta como sua morada, e de outros seres vivos, e não como um meio de satisfazer o seu consumismo. Surgem então indagações quando se fala em sustentabilidade. Estamos falando no mundo em que deixamos para as futuras gerações apenas da nossa espécie? Será que esse novo conceito de desenvolvimento é apenas mais uma das artimanhas humanas para conservar a natureza que sustenta seu consumismo? Teria mesmo o homem à intenção de preservar os descendentes de outras espécies sem pensar em ganhos futuros?

Destarte, se faz a indicação de que o desenvolvimento sustentável é uma necessidade ética. Ou, mais adequadamente, que o fortalecimento de práticas que, em última estância, anseiem por uma relação de simbiose entre os seres humanos e a realidade natural, está intrinsecamente relacionada ao campo da filosofia que visa a reflexão sobre a moral, ou seja, sobre a valoração das ações dos indivíduos em sociedade. Ao se atentar que o termo ética tem sua etimologia, segundo Heemann (1988), no grego *ethos*, o qual, por sua vez, faz referencia tanto aos costumes, à reflexão sobre os costumes (que costumeiramente denomina-se ética ou filosofia moral), como ao habitat ou querência (terra natal, local de criação do animais). Percebe-se que a própria realidade etimológica do substantivo abordado deixa transparecer que a preocupação com a sustentabilidade está intimamente relacionada ao *metier* filosófico, por meio da reflexão sobre o agir humano, seja com o meio ambiente no qual está inserido ou com os outros seres humanos.

Decerto que a lógica da abordagem de desenvolvimento sustentável não se sustenta apenas sobre um enfoque técnico, necessita principalmente de considerações éticas. Afinal, do que adianta os indivíduos desenvolverem somente o conhecimento técnico se não são capazes de

exercer a cidadania plena? A partir da reflexão individual a respeito das formas de agir – se são ou não corretas – os indivíduos tornam-se cidadãos críticos, que em último grau refletirão sobre seus atos, sentindo-se responsáveis por seu entorno sócio-ambiental. Para Hans Jonas (1992), o homem é um único ser que se conhece que é capaz de ter responsabilidade. O poder de obtê-la leva consigo o dever. A partir desse pensamento percebesse o quão alarmante é a situação, onde a espécie mais egoísta é a única que pode salvar as demais. Como acentua Hans Jonas (1992) a ampliação do poder, é também a ampliação de seus efeitos futuros. Quem é o principal responsável em aplicar os conceitos sustentáveis, um indivíduo que nem ao menos saber ler a palavra ou um mega empresário que não só sabe lê-la como a compreende tão bem que a usa como estratégia de marketing? Nesse contexto, quanto maior nossa bagagem de conhecimento, maior nossa responsabilidade pelos efeitos deste.

2.2.1 Ciência e construção da consciência ambiental

Uma das visões pessimistas do avanço científico no século XX era um possível desvio do real objetivo dos cientistas. Esses acabavam por perder a ideia do coletivo, a ponto de sequer pensarem nos efeitos que suas práticas poderiam causar ao meio ambiente, estaria então, a ciência dominando o homem, formando indivíduos superficiais que não tinham (e talvez ainda não tenham) a mínima responsabilidade pelos seus atos?

Tendo em vista o caminho que está sendo trilhado, poder-se-ia até mesmo inferir, diante dos argumentos apresentados, que o ponto fulcral das reflexões levantadas no presente é mostrar que as pesquisas científicas e, por corolário, o desenvolvimento tecnológico, não se coadunariam à sustentabilidade, haja vista que surgiriam como causadores dos males ambientais. Posto isso, é preciso deixar claro que tal inferência seria precipitada, pois, mesmo que estas duas características do intervirmo humano – ciência e tecnologia –, causem distorções, podem ser também o meio de evitá-los. Popper afirma que: “Cometemos grandes erros [...]. É impossível prever todas as consequências não desejadas de nossas ações. A ciência natural é, aqui, nossa maior esperança: seu método é a correção dos erros” (2006, p.9). Talvez a verdadeira mensagem popperiana seja que o pensamento científico deve estar unido à reflexão ética, a título de formar indivíduos responsáveis por aquilo que produzem, e, principalmente, nos dias atuais, sujeitos que se sintam responsáveis pelo mundo que se está deixando para as gerações futuras.

Como expõe o capítulo 35 da agenda 21 “Ciência para Desenvolvimento Sustentável”:

Um dos papéis da ciência é oferecer informações para permitir uma melhor formulação e seleção das políticas de meio ambiente e desenvolvimento no processo de tomada de decisões. Para cumprir esse requisito, é indispensável desenvolver o conhecimento científico, melhorar as avaliações científicas de longo prazo, fortalecer as capacidades científicas em todos os países e fazer com que as ciências respondam às necessidades que vão surgindo.

O Desenvolvimento Sustentável depende da nossa boa disposição em gerar um bom uso da ciência, engenharia e tecnologia para propor melhoras na qualidade de vida a todos, através de uma coexistência harmoniosa com o meio ambiente. De modo que para entender as questões ambientais não basta só dominar o conhecimento biológico, químico e físico, é necessário o

domínio das questões sócio-políticas, enquanto formação de indivíduos autônomos que exercem sua função de cidadão na construção da consciência ambiental.

A ciência fornece aos indivíduos meios para entender as coisas e se entender no mundo, nesse contexto busca-se uma compreensão científica sobre o que é sustentabilidade acoplada à compreensão de valores, princípios e estilos de vida que funcionarão como vertente para o processo de mudança para o desenvolvimento sustentável.

Deve-se buscar o princípio sustentabilidade baseando-se em uma modernidade ética que precisa resgatar a lógica do ser, superando o modelo que o século XX nos deixou: a lógica do ter. A educação deve estar em constante sintonia com os novos paradigmas. Não mais voltados ao futuro que constrói mentalidades de culturas utilitaristas e especializadas nos efeitos do desemprego, das guerras e da devastação ambiental. É necessário incorporarmos uma redefinição dos modelos éticos, no sentido da completa assunção de responsabilidade por nossos atos produtivo-destrutivos, se não quisermos que o alerta de Herrera (1984) de que vivemos sob o risco de uma “crise de espécie”, se torne uma profecia.

3 METODOLOGIA

O estudo que se realizou foi de caráter exploratório quanto aos seus objetivos. As pesquisas exploratórias, acorde, Gil (2002, p. 41), “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições”.

A pesquisa bibliográfica, para Gil (2002), caracteriza-se por ser levada a cabo a partir de material já elaborado, tais como livros, estudos diversos (relatórios de pesquisa, dissertações, teses) e artigos científicos. “Embora o planejamento da pesquisa exploratória seja bastante flexível, na maioria dos casos assume a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso”. (GIL, 2002, p. 41). Manzo (*apud* LAKATOS; MARCONI, 1994, p. 183) acrescenta que a pesquisa bibliográfica “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente”. Como o conhecimento filosófico parte do campo da reflexão baseada em idéias, as quais são preferentemente difundidas em meios bibliográficos, este tipo de pesquisa se mostra, neste caso, como a que mais convém como metodologia investigativa, dada a própria natureza da ciência empregada. Além disso, a pesquisa bibliográfica não se limita a repetir o que já foi escrito ou dito sobre determinado assunto, mas, segundo Lakatos e Marconi (1994, p. 183), “propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Neste trabalho, também se desenvolveu pesquisa documental. Valendo-se de documentos originais (HELDER, 2006), procurou-se contrair todas as pistas que sinalizam informações sobre o objeto de estudo em curso (CELLARD, 2008).

Quanto ao método científico, entendido como o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, ao traçar o caminho a ser seguido, permite a obtenção de conhecimentos válidos e

verdadeiros (LAKATOS; MARCONI, 1994), será utilizado o método dialético. Para Parra Filho e Santos (2003, p. 55), “a dialética é por definição a arte de discutir e, segundo a filosofia antiga, a argumentação dialogada”. Tomar-se-á, aqui, a acepção marxista, também denominada de materialismo histórico.

Em síntese, a dialética marxista ou materialismo histórico parte do ponto de vista de que os objetos e fenômenos da natureza implicam em contradições internas, que devem ser identificadas e entendidas para que se possa proceder no esforço de sua superação, de mudança no estado das coisas a um patamar superior ou, traduzindo para o contexto do trabalho em questão, ao ensino de Filosofia na EJA, e da relação de essencialidade desta disciplina ao desenvolvimento da liberdade e, conseqüentemente, da cidadania.

Para Filho e Santos concluem que (2003, p. 58) “considerando que toda verdade é provisória e reformável, é importante que o cientista ou o pesquisador tenha sempre um pensamento dialético, pois o homem avança quando se esforça para superar a si próprio”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o intuito de fundamentar as intuições primeiras, fruto da revisão bibliográfica do trabalho aqui apresentado, Foi realizada uma pesquisa com quarenta alunos do curso Técnico Nível Médio Integrado em Química do IFRN- Campus Macau. Os estudantes responderam um questionário simples e objetivo que continha cinco perguntas. Para primeira questão, “o que é sustentabilidade?”, 37,5 % deram respostas que não tinham ligação com o conceito, 32,5 % citaram algum fator relacionado ao conceito, 22,5 % relacionaram sustentabilidade á algo muito próximo de sua definição e 7,5 % não responderam ou não sabiam. Na segunda pergunta, “você acredita que atitudes éticas são importantes para a sustentabilidade?”, 100 % responderam “sim”. Quando foi perguntado “você tem atitudes sustentáveis?”, 85% responderam “sim” e 15% responderam “não”. Para quarta questão, “você acredita que a maior parcela de responsabilidade por ações sustentáveis deve ser atribuída:”, 72,5 % responderam a você/sociedade, 20 % ao governo, 5 % às empresas e 2,5 % rasurou. Por fim, para ultima pergunta, “marque a alternativa com a qual você acha que se encaixa o conceito de sustentável:”, 77,5 % responderam “se sentir responsável pela limpeza do ambiente que você frequenta” e 22,5 % responderam “comprar produtos com selo verde”.

Percebemos que existem várias contradições nas respostas dadas pelos alunos no questionário. Entendendo sustentabilidade como sendo algo além da preservação ambiental, mas como uma coisa protetora, recuperadora e regeneradora do ambiente (FRIEDMAN, 2010) notou-se que a maioria dos estudantes não soube responder o que é sustentabilidade. Ainda assim disseram ter atitudes sustentáveis. Não se pode agir de forma sustentável sem ao menos saber o que é sustentabilidade. Grande parte respondeu que a maior parcela de responsabilidade por ações sustentáveis deve ser atribuída a nós enquanto sociedade e que se sentir responsável pela limpeza do ambiente seria a alternativa mais sustentável, porém ao se andar pelos corredores do IFRN- Campus Macau é perceptível que as respostas não correspondem à realidade, pois há lixo

espalhado por todo o Campus. Sem falar nas frases de mau gosto que se escuta, como “se não sujarmos o pessoal da limpeza não vai ter trabalho”.

Algo preocupante é a crença de que comprar produtos com selo verde é sustentavelmente correto. É uma noção perigosa e que tem grande influencia do marketing que as empresas aplicam para entrarem na “onda do sustentável”, haja vista que essa é a moda do século (UNESCO, 2005, P. 17). Pena que é só estratégia de marketing. Na maioria das vezes essas empresas fazem algo sustentável por serem obrigadas por lei ou, simplesmente, não fazem.

A sustentabilidade, para esses alunos, é algo de que ouviram falar, mas que não tem e nem se interessam em ter conhecimento mais profundo. Para eles a sustentabilidade é algo alheio a si. Tão alheio, para alguns, que não se sentem responsáveis por agir sustentavelmente. Acham que as empresas e principalmente o governo são que deveriam se responsabilizar. Talvez eles não tenham culpa de ter esse entendimento. São apenas mais uma geração consumista que acredita que a natureza existe para nos servir. É complicado educar pessoas que, de certa forma, já possuem opiniões formadas. Os estudantes frequentam a escola, ou seja, tem acesso à educação. Porém para que o desenvolvimento sustentável seja alcançado é preciso que antes de serem formados cientistas, sejam formados cidadãos com consciência ética (UNESCO,2012).

5 CONCLUSÃO

Sabemos que as atitudes que as pessoas têm na adolescência, ou na vida adulta, são, em grande medida, frutos de todos os hábitos que praticam desde a mais tenra infância. Portanto, se a consciência em relação às atitudes sustentáveis não é desenvolvida desde cedo, estas últimas só conseguirão prevalecer por força de leis coercitivas. (Ações ‘corretas’ por medo das punições).

A humanidade hoje atinge graus de poluição nunca vistos anteriormente. De acordo com WOLF (2013) a concentração de dióxido de carbono ultrapassou as 400 partes por milhão pela primeira vez em 4,5 milhões de anos sendo que destas, 30% das emissões são antropogênicas. E de acordo com este, nada se faz para reverter esses números, pois a grande massa social não acredita que o aquecimento global é algo possível e bem próximo. Nesse cenário surgem ideias como os créditos de carbono que são, segundo Silva (S.d.), adquiridos através do sequestro e/ou redução na emissão de CO₂ e gases aceleradores do efeito estufa da atmosfera. A intuição que conseguir reduzir essa emissão ganha um certificado que pode ser negociado na bolsa de valores. Para PRADO (2006), a negociação do carbono é algo bastante atrativo para o cenário econômico. É justamente essa a questão: os créditos de carbono são mesmo eficientes para a conservação do ecossistema ou são somente mais uma forma antiética e mascarada de ganhar dinheiro às custas da moda sustentável?

Para JAMIESON (2010) é necessário uma nova geração de tecnologia não mais para aumentar a produtividade, mas para minimizar os efeitos ambientais. É nesse contexto que se percebe a importância de disciplinas como Filosofia e Sociologia na formação acadêmica, para que sejam formados além de grandes técnicos, indivíduos que pensam sobre os impactos de suas pesquisas. Apesar dessas disciplinas terem si tornadas obrigatórias no ensino médio, a partir de 2008, em acordância com a Lei 11.684. Diante dos dados coletados, ficou claro que muitos alunos

têm entendimentos/práticas contraditórios ao se falar de sustentabilidade. Falta, em vários casos, a consciência de que princípios éticos estão nessa categoria principalmente por se solidificarem de forma consciente, e não pela imposição ou mera imitação. Em função do que foi trabalhado, entende-se que a ciência deve, necessariamente, levar em consideração os impactos de suas pesquisas no ambiente e na sociedade. Assim, queda constatado que ao se pretender alcançar práticas sustentáveis é relevante considerar que estas são construções sociais dinâmicas.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, H. N. N. de. Créditos de carbono. Natureza jurídica e tratamento tributário. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 10, n. 809, 20 set. 2005. Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/7307>>. Acesso em: 01 maio 2013.
- ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Mario da Gama Kuty. 3.ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.
- _____. **Ética à Nicômacos**. Trad. Mário da Gama Kury. 3.ed. Brasília: Editora UNB, 1999.
- BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é – o que não é**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- BRASIL. IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Brasília, 2010.
- CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.
- HEEMANN, A. **Natureza ética**. 2.ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1998.
- HELDER, R. R. **Como fazer análise documental**. Porto, Universidade de Algarve, 2006.
- JAMIESON, D. **Ética e Meio Ambiente – Uma introdução**. São Paulo: Editora Senac, 2010.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- NINIS, A.B.; BILIBIO, M.A. Homo sapiens, Homo demens e Homo degradandis: a psiquê humana e a crise ambiental. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, Apr. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000100006&lng=en&nrm=iso>. access on 20 May 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822012000100006>.
- PARRA FILHO, D.; SANTOS, J.A. **Metodologia científica**. São Paulo: Futura, 1998.
- POPPER, K. **Em busca de um mundo melhor**. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- SANTOS, A. **Homem-Natureza: a nova relação ética**. São Paulo, 2004.
- UNESCO. **De economias verdes a sociedades verdes**. Tradução de Carlos Humberto Spezia. UNESCO: 2011.
- VILCHES, A., PRAIA, J. y GIL- PÉREZ, D. O Antropoceno: Entre o risco e a oportunidade, **Educação: temas e problemas**, 5, Año 3, 41-66, 2008.

WOLF, M (1). Porque o mundo enfrenta o caos quanto ao clima. Tradução de Paulo Migliacci. **Folha de São Paulo**. 15 mai 2013. Disponível em: <<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/martinwolf/2013/05/1282993---porque---o--- mundo--- enfrenta---o---caos---quanto---ao---clima.shtml>>> Acesso em: 22 mai 2013.

_____ (2). Os céticos do clima ganharam. Tradução de Clara Allain. **Folha de São Paulo**. 22 mai 2013. Disponível em: <<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/martinwolf/2013/05/1282858---os---ceticos--- do---clima---ja---ganharam.shtml>>> Acesso em: 22 mai 2013.